

Elementos Essenciais à Prédica

Edson E. Streck

1.0 — Em Busca de uma Definição

Inúmeras são as definições de prédica. Em livros de Homilética elas se multiplicam. Às vezes diferem em detalhes. Em momentos, porém, omitem dados essenciais à prédica cristã. O roteiro pelo qual o presente artigo se orienta é uma definição de Karl Barth¹.

Barth define a prédica nos seguintes termos:

A prédica é a tentativa — ordenada à Igreja — de servir à palavra de Deus através de uma pessoa vocacionada para tal finalidade; e isto de tal modo que um texto bíblico seja explicado em fala livre a seres humanos da atualidade como algo que lhes diz respeito e como anúncio daquilo que eles têm a ouvir do próprio Deus.²

2.0 — A Prédica É Tentativa de Servir à Palavra de Deus

Ao longo da História, Deus se revela a seu povo. A pregação dos profetas, testemunhada no Antigo Testamento, é uma entre inúmeras formas de Deus revelar sua vontade. Sua comunicação com os seres humanos atinge, em Jesus, o nível da perfeição. "Pela 'Encarnação' se fez semelhante àqueles que haviam de receber a sua mensagem; mensagem que comunicou com a palavra e com a vida."³

Tarefa da prédica é testemunhar a revelação de Deus, em Jesus Cristo. Tem como base a sua primeira vinda — epifania: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade..." (Jo 1.14a.) E confia na promessa de sua segunda vinda — parúsia. A prédica traduz a palavra de Deus para o tempo presente, situada entre a ação de Deus no passado — ao inaugurar seu Reino, em Jesus — e a caminho da realização desse Reino em sua plenitude. Ela se localiza entre o ontem e o amanhã para quem, no presente, se sabe com Deus. Com novas palavras, adaptadas ao contexto, ela procura andar no caminho entre o que já se ouviu — retratado na Bíblia — e o que sempre há de novo para ouvir. Ao mesmo tempo, a prédica tem a palavra de Deus como ponto de partida e de chegada.

Para tal, Deus se serve de pessoas. Ele poderia usar outras formas de comunicar-se. E usa, de fato, incontáveis modos de revelar sua vontade. Aposta, porém, em seres humanos para transmiti-la. Essencial para as pessoas que pre-

tendem ser transmissoras dessa mensagem é que se disponham a servir a Deus. Por serem humanos os portadores da palavra de Deus, toda a pregação — sob a perspectiva deles — não vai além de uma tentativa, já que o sucesso dela, em última análise, depende de Deus.

Toda prédica é, portanto, tentativa de traduzir o divino em palavras humanas.

3.0 — A Prédica É Tarefa Ordenada à Igreja

Pregar não é iniciativa própria. É dom e iniciativa de Deus. É transmitir uma mensagem que, vinda de fora de nossa realidade ("*extra nos*"), se insere em nossa vida, visando preenchê-la de sentido. Após sua morte e ressurreição, Jesus transfere aos discípulos toda a autoridade que recebera de Deus (Mt 28.18ss.). Fazer discípulos de todas as nações, batizá-los e ensinar-lhes a guardar tudo o que Jesus deixou é tarefa delegada àqueles que passam a formar sua Igreja, fortalecidos pelo Espírito Santo (At 2). Pregar é tarefa de toda a comunidade.

Pregar não se resume a fazer uso de palavras. Quem não vive o que prega cai em descrédito. A Escritura aponta o conteúdo da prédica da Igreja. Os sacramentos mostram a necessidade de a prédica tornar-se concreta. Comunidade que não vive a graça de Deus, manifestada no Batismo, e que não exercita a partilha e a esperança, manifestadas na Ceia do Senhor, torna vazia a palavra que prega.

Partindo de Deus, mesmo em voz humana, a palavra se reveste de imenso poder. Com a palavra, Deus cria ou aniquila. Sua palavra é fogo, é "martelo que esmiúça a rocha" (Jr 23.29), é "mais cortante do que qualquer espada de dois gumes" (Hb 4.12). O mesmo poder é transmitido à Igreja. Exercer esse poder para promoção própria — e não em nome de Deus e para o bem da humanidade — tem sido uma tentação constante na vida de pregadores ao longo da História da Igreja.

A prédica tem como meta criar comunidade. Além disso, visa a edificação da comunidade (1 Co 14.26ss.). Segundo Rm 10.13-17, pregar é indispensável à comunidade que se sabe a caminho do reino de Deus. Forma-se uma corrente: enviar pessoas a pregar leva a que outras ouçam a palavra de Deus, ouvir sua palavra conduz à fé, crer leva a invocar o nome do Senhor, fato que encaminha à salvação. Sem pregação, não há fé.

4.0 — A Prédica É Tarefa Dada a Pessoas Vocacionadas para tal Finalidade

Mesmo sabendo que a pregação é ordem de Deus que se dirige a cada pessoa batizada e à Igreja como um todo, a comunidade escolhe pessoa(s) do seu meio que se dedique(m) de forma especial a esse ministério. Com isso a comunidade não se desincumbe de sua função, repassando-a para um ou mais mem-

bros seus. Desde o surgimento da Igreja, pessoas têm sido escolhidas para exercer o ministério especial da pregação (At 6.4).

Segundo Paulo, pregar não é um plano próprio (1 Co 9.16). É confissão de fé, é compromisso, é resposta a uma ação anterior de Deus. Quem prega deve sentir-se vocacionado para tal. E, com maior ou menor dose de resistência e sofrimento, deve responder a esse chamado. Todos os critérios humanos em relação à vocação de Deus não passam de sinais que apontam para o fato de ser Deus o condutor de toda a ação. Esta ação de Deus é seu mistério.

Já no início da Igreja havia relativa clareza em relação a determinadas expectativas voltadas à pessoa do pregador (1 Tm 3.1-13; 2 Tm 4.1-5; 2.24; Tt 1.5-9). Da pessoa que prega se espera uma vida marcada pela coerência. Quem prega sabe que se encontra como se estivesse andando à face de Deus. Deve mostrar coerência, mas não só porque a comunidade lhe cobra uma conduta de modelo. Só consegue fazê-lo alguém que tem noção de seus limites como ser humano e que se fundamenta na justificação do pecador por Deus.

Na atualidade, pregadores contam em geral com outras características tidas como indispensáveis: é pressuposto que tenham formação científica (bíblico-teológica, em especial) e que se dediquem de tempo parcial ou integral ao ministério. Essas possibilidades de pouco ou nada adiantam às pessoas que pregam, se estas não forem guiadas pelo Espírito de Deus.

Tais possibilidades não conferem ao ministro poder de mando sobre a comunidade. Ao mesmo tempo não permitem aos demais membros da comunidade sentirem-se sem compromisso em relação à pregação e à vivência do evangelho, como se fazê-lo fosse algo descartável ou possível de delegar. Se na caminhada da Igreja certas pessoas ganharam lugar de destaque na pregação do evangelho, jamais deveria ter sido para tirar a qualidade de sacerdote que caracteriza todos os crentes (1 Pe 2.9). Sendo chamado por Deus e pela comunidade para uma tarefa específica, o ministro não deixa de ser membro desta comunidade, e, como cada um de seus membros, é ouvinte da palavra de Deus e carente da graça divina. Mesmo sendo membro da comunidade cristã, recebe autoridade para dirigir a ela o anúncio da vontade de Deus.

A prédica deve acontecer em atitude de humildade e simplicidade de quem se reconhece convidado e guiado por Deus para tal tarefa. Neste sentido, o preparo de uma prédica é marcado pela oração de quem prega. Nela, pede por fortalecimento na missão de colocar em palavras humanas a palavra de Deus. Quem prega não tem, portanto, a postura de quem confia na certeza da sua vitória e no sucesso de um trabalho próprio. Trata-se, antes, de um abrir-se a Deus, para que ele preencha a vida tanto de quem prega como de quem ouve. Em tal atitude, sente-se atuando sob a bênção de Deus e alimenta a esperança de que, apesar de toda a precariedade das palavras humanas, a palavra de Deus não retorne vazia.

5.0 — A Prédica É Explicação de um Texto Bíblico

A comunidade cristã primitiva adotou uma prática que conhecia da sinagoga judaica: ler as Escrituras, quando reunida em culto. Assim, a leitura de uma passagem delas, seguida de explicação, sempre foi parte essencial do culto cristão, com o acréscimo que lhe é peculiar: o de fazer a leitura sob o prisma da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Para a Igreja, a Bíblia sempre tem sido a fonte da revelação da vontade de Deus.

Controlar a interpretação dos textos bíblicos sempre tem sido uma tentação para quem detém o poder na Igreja, em todos os níveis de hierarquia. Como "saber é poder" — inclusive no que diz respeito à leitura da Bíblia —, todas as tentativas de entregá-la nas mãos do povo têm sido marcadas duplamente: por repressão ou cuidados extremos por parte da hierarquia e por alegria e gratidão por parte do povo que passou a sentir-se fortalecido. Isto explica, em parte, o grande alcance de pregações que consideraram a situação específica das pessoas e/ou do povo na leitura e interpretação da Bíblia (p. ex., pais da Igreja, monges mendicantes, Reforma, pietismo, teologia da libertação...). Com isso ganha mais destaque a pergunta pelo lugar e pela forma da prédica: o culto já não é mais considerado o único lugar da prédica, e a prédica deixa de ser vista como a única forma de explicar o texto bíblico.

Apesar de sofrer essa contestação, a prédica ainda é um dos pontos de destaque do culto, e o culto um dos momentos que mais reúne pessoas em comunidade. Seu alcance ainda é considerável. Jamais pode ser intenção da prédica pretender rivalizar com outras partes do culto: como partes de um todo, devem enriquecer-se mutuamente. O mesmo vale para a leitura bíblica em outros momentos da vida comunitária: a prédica jamais pode pretender exclusividade de interpretação da vontade de Deus.

No momento em que se discute o ponto de partida da prédica — realidade ou texto bíblico —, importa ter consciência de um princípio básico em toda a História da Igreja: "Nem toda pregação cristã precisa ser textual; mas toda pregação cristã precisa ser bíblica. É a Bíblia que dá o conteúdo à prédica — sempre!"¹⁴

6.0 — A Prédica É Fala Livre

A prédica pressupõe estudo cuidadoso e profundo do texto bíblico. Não se esgota, porém, no labor exegético. Ultrapassa em muito aquilo que outras pessoas estudaram e publicaram a respeito do texto bíblico, mesmo que tais estudos sirvam de ajuda valiosa para a elaboração da prédica. Se a comunidade delega a determinada pessoa a tarefa de explicar a Escritura, é necessário que — antes de trazê-la aos ouvintes — o pregador seja o primeiro ouvinte do texto. Se a palavra de Deus não passar por ele, não terá condições de transmiti-la de forma fidedigna e confiável.

Cada pessoa que prega tem a sua própria história. Lê a Bíblia sob determinados prismas. Interpreta a seu modo a vida da comunidade. Tem reações próprias em relação à situação que se apresenta. Revela seu estilo pessoal de viver, inclusive de redigir textos e de apresentá-los. Cada pessoa que prega expressa a palavra de Deus da forma como a percebe e transmite-a em palavras próprias. Aceita a oportunidade de testemunhar como um dom, mesmo que tenha consciência de que sua fala é incompleta, parcial e limitada. Este fato não poupa pregadores de um sentimento de peso e de sofrimento. A tarefa é pesada, pela responsabilidade que a prédica acarreta; traz sofrimento, até porque "escrever é um ato solitário e doloroso, que nos desnuda"⁵. Assim o pregador é estimulado a adotar uma postura de oração, na esperança de que Deus aceite como dele as palavras de quem prega. É momento, por outro lado, de permitir que criatividade e inspiração venham à tona, para que, através de formas diversificadas e acessíveis, a palavra de Deus penetre com clareza e poder de transformação.

7.0 — A Prédica Fala a Pessoas na Atualidade como Algo que Lhes Diz Respeito

A prédica não se dá num vácuo. Parte de determinada situação da comunidade e volta-se a ela, enriquecida pelo texto bíblico. Ou dirige-se, a partir de um texto, para dentro de uma situação em que tudo é específico: as pessoas, o momento, o lugar e a época localizam-se em determinadas coordenadas que são peculiares. Na prédica, texto bíblico e contexto da comunidade são indissolúveis.

A prédica tem caráter pessoal, sem com isso estimular o individualismo. É comunitária: pressupõe que sejam derrubados todos os fatores que impedem a edificação da comunidade. Na busca destes dois momentos, corre riscos: de cair demasiadamente na crítica ou edificação da macro-estrutura e, por outro lado, de investir de forma unilateral na crítica ou edificação de indivíduos. Na tentativa de acercar-se da situação pessoal e comunitária das pessoas que ouvem a prédica, convém considerar uma série de aspectos, entre eles: sua idade, sexo, profissões, camadas sociais, problemática social, teologia, eclesiologia, alegrias e preocupações⁶.

Considerar a situação específica em que vivem comunidade e sociedade exige certo conhecimento de outros campos, com todas as vantagens e riscos que essa aproximação permite: Retórica, Filosofia, Ciências Naturais, Filologia, Literatura, Antropologia, Comunicação, Psicologia, Sociologia, entre outros. Neste sentido, é altamente provável — e desejável — que o alcance da prédica ultrapasse em muito os muros das igrejas e penetre no dia-a-dia da sociedade, com poder para transformá-la, como aconteceu em muitos momentos durante a História da Igreja/humanidade.

O caráter da prédica varia de acordo com o momento vivido pela Igreja como um todo ou com as situações específicas das comunidades locais: é de cunho doutrinário ou político, de caráter missionário ou pedagógico, de tendência

mais moralista ou de controvérsia, como tratado teológico ou com interesse catequético...

Convém investir na busca de meios de tornar-se acessível às pessoas, para — considerando sua cultura, suas formas de expressão — tornar possível a compreensão da prédica e inclusive animar a comunidade a participar dela ativamente.

8.0 — A Prédica É Anúncio de Algo que as Pessoas Têm a Ouvir do Próprio Deus

Como perfume guardado em frasco, que é capaz de quebrar, a palavra de Deus alcança as pessoas através de voz humana, também marcada pela fragilidade. Mesmo em voz humana, a palavra de Deus não perde em poder e efeito. Profetas obedeceram ao chamado de Deus e testemunharam sem medo a vontade dele. Discípulos receberam de Jesus a ordem de pregar e pregaram corajosamente que o Jesus pregado à cruz é Cristo, é o Filho de Deus. A partir daí surgiu a Igreja, a quem foi dada a missão de formar comunidade a caminho do reino de Deus. Ao longo deste caminho há vários exemplos que atestam a fragilidade da Igreja nessa missão, pelo desastre que sua pregação tem causado (a História da missão nas Américas, p. ex., encontra-se marcada por pecados que têm sido cometidos em nome de Deus). É evidente que também há sinais de paz e de justiça por ela semeados entre pessoas e povos. Estes sinais atestam que — dada a fragilidade de quem transmite a palavra de Deus — são fruto, acima de tudo, da graça de Deus e do poder indestrutível que sua palavra carrega.

Este é o dado incrível que a pregação contém e que a mantém: em voz humana, dirigida a seres humanos, é palavra de Deus. Caracteriza-se como tal quando estão presentes três elementos constitutivos: Deus, através de sua palavra, agindo pelo Espírito Santo; pessoas chamadas para pregá-la; e comunidade, lugar em que ela se encarna.

Entre eles se estabelece um círculo:

— Deus dá à comunidade o ministério da pregação, levando-a a testemunhar a salvação em Jesus Cristo;

— a comunidade designa pessoas para fazê-lo, estabelecendo o ministério especial;

— estas pessoas se voltam a Deus, em meditação, oração e estudo (do texto bíblico e da situação em que a comunidade se encontra);

— Deus, por seu Espírito, fortalece as pessoas vocacionadas, dando-lhes autoridade para pregar em nome dele;

— as pessoas que pregam voltam-se à comunidade, procurando contextualizar a palavra de Deus na situação específica em que aquela vive;

— a comunidade, edificada por Deus, procura estabelecer sinais visíveis que demonstrem que se encontra a caminho do Reino.

Se faltar um destes elementos, isolando-se dos demais, a comunicação de Deus sofre:

— pregador e comunidade, isolados de Deus, correm o perigo de andar por caminhos próprios;

— pregador em contato com a palavra de Deus, mas isolado de comunidade, corre o risco de trazer uma mensagem descontextualizada;

— comunidade em contato com a palavra de Deus, mas dispondo a seu critério de pregador, pode vir a sofrer a consequência da falta de ordem em sua organização.

Bibliografia

- 1 BARTH, Karl. *Homiletik*. Zürich, EVZ, 1966.
- 2 BERGER, Christa. O Desafio de Ser Autor de *Proclamar Libertação*. In: KILPP, Nelson & WESTHELLE, Vítor, coords. *Proclamar Libertação*. São Leopoldo, Sinodal, 1989. v. 15. p. 12-4.
- 3 KIRST, Nelson. *Rudimentos de Homilética*. São Paulo, Paulinas; São Leopoldo, Sinodal, 1985.
- 4 TEIXEIRA, Nereu de Castro. *A Comunicação Libertadora*. São Paulo, Paulinas, 1983.
- 5 WEHRMANN, Günter K. F. Exercício Homilético. In: MALSCHITZKY, Harald & WEGNER, Uwe, coords. *Proclamar Libertação*. São Leopoldo, Sinodal, 1986. v. 12. p. 91-102.

Notas

- 1 Cf. Karl BARTH, *Homiletik*, p. 32ss.
- 2 Ap. Nelson KIRST, *Rudimentos de Homilética*, p. 18.
- 3 Nereu TEIXEIRA, *A Comunicação Libertadora*, p. 39.
- 4 Nelson KIRST, op. cit., p.46.
- 5 Christa BERGER, O Desafio de Ser Autor de *Proclamar Libertação*, p. 12.
- 6 Cf. Nelson KIRST, op. cit., p. 65ss.

Edson Edilio Streck
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS